

Brasil, 23 de Junho de 2008

Principal
ASSUNTOS
Política
Economia
Brasil
Mundo
Minas
Esportes
Cultura
Classificados
Classificados Notícia
CADERNOS
Plural
Info.com
Programinha
Brasília
Domingo
Turismo
Veículos
Sabor
Eu acredito
Colunistas
SERVIÇOS
Fale conosco
Como anunciar
Assinaturas
Clube de assinantes
Expediente
Medicina e Saúde
Prof. Helinho
Roteiro Cultural
Lazer
Obituário
OAB
EDIÇÕES PASSADAS
Dia : 01
Mês : Jan
Ano : 2008
Ir
INDICADORES

cultura@hojeemdia.com.br

Veja os filmes que estão em cartaz

Dagmar Braga autografa hoje sua 'Geometria da Paixão'

Alécio Cunha
Repórter

Mineira de Pitangui, Dagmar Braga estréia na poesia com o livro «Geometria da Paixão». A obra, publicada pela editora belo-horizontina Anome, agrupa poemas que articulam habilmente os pólos da vivência e da linguagem. Dona de estilo próprio e conciso, a autora leva para o território dos versos retalhos de vida, feitos sob medida para o saboreio de leitores maduros e familiarizados com a pulsação da poesia. Idealizadora do projeto «Letras e Ponto», calcado em oficinas de gestação literária, a autora, finalmente, tira de vez seus poemas da gaveta de guardados. O poeta, cronista e ensaísta Afonso Romano de Sant'Anna, é um dos fãs da textualidade sensível de Dagmar. «Sua poesia é uma inscrição no silêncio, um diálogo com as sombras, uma caligrafia da solidão», frisa.

<FT03>Qual é o significado de uma estréia poética? O que representa esta primeira coletânea?

<FT01>A poesia sempre esteve presente em minha vida. Era comum, na infância, tanto ser incitada a decorar poemas quanto a criar trovas. Ao som de «Se A Perpétua Cheirasse», fazíamos brincadeiras com as palavras, trabalhando o ritmo, a rima. Além disso, meu pai, que estava sempre com um livro nas mãos e foi meu professor de Português, me incentivava a ler e a perceber os vários significados subjacentes da fala ou da escrita. Os primeiros poemas foram, na maioria, paráfrases. Com o tempo, fui assumindo escolhas de linguagem e de tema. «Geometria da Paixão» registra esta busca de um sentido e de uma voz.

<FT03>Como se dá a conexão entre a questão existencial e a experiência da linguagem em sua poesia?

<FT01>Primeiro foi preciso viver. E prestar atenção ao vivido. Observar, rememorar, imaginar. Compartilhar experiências, desejos, perdas, sonhos. Depois, ler muito, tudo o que fosse possível. E tentar descobrir um caminho na linguagem que preservasse a natureza estética e ética do registro da minha passagem por aqui. Um poema reflete nosso modo de ver o mundo, nossas angústias e nossas alegrias, particulares ou coletivas. Para mim, é muito interessante perceber que cada texto nasce exigindo um ritmo, um tratamento específico. Alguns são mais lacônicos, outros, mais derramados. Por vezes suscitam imagens; em outros, o ritmo opera um retorno a uma questão inicialmente posta. E nem interessa muito a resposta, e, sim, o questionamento.

<FT03>O livro trata de questões humanas e questões urbanas. É proposital essa divisão?

<FT01>Não há como dissociar a experiência particular da vivência coletiva. Na arte, o humano integra estas duas realidades para dar mais visibilidade ao mundo. O amor, a paixão, a solidão, a passagem do tempo e a morte são temas recorrentes do homem. E a paisagem urbana muitas vezes vem amplificar essas questões. Daí o encadeamento dos textos foi acontecendo naturalmente.

<FT03>Qual seu cânone particular e afetivo? Como começou este corpus textual?

<FT01>Acho que tudo isso começou ouvindo histórias e canções, que eram seguidamente recriadas. Cantando com minha mãe e apreendendo noções de ritmo e melodia. E lendo e escrevendo, para não esquecer. E relendo, criando. Tínhamos uma biblioteca boa em nossa casa e, à medida que eu crescia, meu pai colocava ao meu alcance novos livros. Toda semana, me perguntava sobre o que eu havia lido e me apresentava outros títulos. Uma das maiores alegrias, na adolescência, aconteceu quando ele adquiriu alguns volumes da antiga editora Aguilar com obras completas de Fernando Pessoa, Gil Vicente, Cervantes, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Vinicius de Moraes. Daí para o impulso da escrita, o salto foi pequeno. A transformação maior já havia sido operada antes, pela leitura. Restava exercitar as possibilidades de linguagem e de tema, um exercício também interminável.

«Geometria da Paixão». Lançamento do livro de Dagmar Braga. Hoje, a partir das 19 horas, na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa (Praça da Liberdade, 21).

www.agenciak.com.br
TK.agencia web

RESULTADO DO VESTIBULAR
PUC

RECORD

SEM
BUROCRACIA
CONSULTA AO SPC/SERASA
COMPROVAÇÃO DE RENDA
TENDA
Construindo Felicidade

MATÉRIA

Sugira uma matéria. Clique aqui

CADASTRO

Cadastre-se aqui para acessar o conteúdo

Esqueci minha senha

OPINIÃO

Editorial

Charges

Artigos

CARTAS

Leia

Envie a sua

DÓLAR

Comercial

Compra: 1,5970

Venda: 1,5990

Paralelo

Compra: 1,7400

Venda: 1,8400

Turismo

Compra: 1,5500

Venda: 1,6870



[Imprima esta notícia](#)

[Página anterior](#)

[Principal](#)

[Fale conosco](#)

[Como anunciar](#)

[Assinaturas](#)

[Clube de assinantes](#)

[Expediente](#)

@copyright 2006. Todos direitos reservados para Hoje em dia.
É proibida a reprodução sem autorização do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação

TK.agência web 